



Atividades Inclusivas

INSTITUTO
PARADIGMA
pessoas incluindo pessoas

Ficha técnica

Instituto Paradigma

Presidência: Luiza Russo

Diretoria Técnica: Danilo Namó

Coordenação do projeto: Lívia Motta

Equipe técnica responsável pelo conteúdo: Lívia Motta, Flávia Fló e Fernanda Araújo Cabral

Revisão: Lívia Motta e Flávia Fló

Diagramação: Thiago Attini

Fotos: Arthur Calasans

Ilustrações: Ricardo Ferraz

Impressão: Makro Kolor Gráfica e Editora

Ano da publicação: 2008

O que é e para quem é.....	5
Na escola, inclusão é.....	6
Atividades inclusivas.....	31
A importância das histórias para a escola inclusiva.....	32
Atividades com histórias.....	34
Outras atividades.....	48
E para concluir.....	57

sumário

Este material foi elaborado pela equipe técnica da área educacional do Instituto Paradigma, com os seguintes objetivos:

1. apresentar algumas considerações sobre o que é inclusão na escola, destacando o papel do professor, da escola e da família;
2. contribuir para o enriquecimento da prática pedagógica;
3. promover reflexão para professores, leitores deste material, sobre a importância do seu papel na construção da escola inclusiva;
4. apresentar algumas sugestões de atividades inclusivas que poderão servir de estímulo e ponto de partida para a criação e registros de novas atividades.

Com esta contribuição, esperamos que vocês, professores, conheçam mais sobre o processo de educação inclusiva, compartilhem seus anseios e expectativas, ampliem seus conceitos de acessibilidade pedagógica e ajudas técnicas na rotina escolar e, dessa forma, possam fortalecer os valores da diversidade na participação, equiparação de oportunidades e qualidade da educação.

Além disso, desejamos que a leitura deste material promova uma reflexão sobre o fundamental papel do professor na gestão das atividades pedagógicas em salas de aula inclusivas e na formação dos alunos. E foi pensando na importância deste papel, no quanto o seu agir pedagógico pode ser decisivo para possibilitar mais oportunidades de aprendizagem para todos os alunos, que organizamos esse material para estimulá-lo a desconstruir preconceitos, barreiras atitudinais e pedagógicas, acolhendo a diversidade como um elemento positivamente desafiador no processo de aprendizagem de todos, professores e alunos.

O livro divide-se em 3 partes: a primeira apresenta algumas definições para inclusão na escola, com ilustrações de Ricardo Ferraz; a segunda traz sugestões de atividades inclusivas com destaque para o papel das histórias e os recursos utilizados para contá-las; a terceira parte amplia as opções de atividades inclusivas, com mais algumas sugestões como a elaboração de calendários, chamada e outras. Concluímos o trabalho com um poema que enfatiza a escola para todos, a escola aprendente.

O que é e para quem é



A escola inclusiva pode ser definida como aquela que educa todos os alunos em salas de aula regulares e proporciona a eles oportunidades educacionais adequadas e desafiadoras, porém ajustadas às necessidades e habilidades de cada um. Desta forma, os alunos com deficiência e aqueles sem deficiência têm a oportunidade de se preparar para a vida na comunidade, aprendendo a viver e conviver com a diferença, a ser colaborativos e mais atuantes na sociedade. Os professores, por sua vez, ampliam sua visão do que é ensinar e aprender, desenvolvem a criatividade e crescem como pessoas e como profissionais.

na escola, inclusão é...

Stainckback (1996) argumenta que professores educadores, comprometidos com a filosofia da inclusão, são aqueles que:

- estão mais interessados naquilo que o aluno deseja aprender do que nos rótulos sobre ele;
- respeitam o potencial de cada aluno e acreditam na sua capacidade de aprender;
- acreditam que todos os alunos conseguem desenvolver habilidades básicas;
- buscam informações sobre os recursos necessários para dar maior suporte e mais oportunidades de aprendizagem aos alunos;
- utilizam as experiências de vida do aluno como fatores motivadores;
- aprendem com seus alunos e investigam como eles aprendem.

As definições para inclusão no contexto escolar que elaboramos abaixo, com as ilustrações bem-humoradas de Ricardo Ferraz, destacam aspectos relevantes, alguns já discutidos acima, que precisam ser levados em consideração na construção da escola inclusiva. Convidamos vocês, professores, a explorá-las!



na escola, inclusão é...

Trabalhar colaborativamente, dividindo os desafios e compartilhando práticas e atividades bem sucedidas.



na escola, inclusão é...

Planejar e fazer as necessárias adaptações das atividades levando em consideração o grau de dificuldade dos alunos em relação à tarefa proposta.



na escola, inclusão é...

Saber que todos os alunos são diferentes, e que suas experiências prévias proporcionam a construção de saberes e resultados pedagógicos singulares, que não poderão ser desconsiderados no monitoramento e registro do desempenho escolar de cada aluno em relação às metas propostas para o grupo.

PARABÉNS,
TURMA.
MAIS UMA VITÓRIA!!



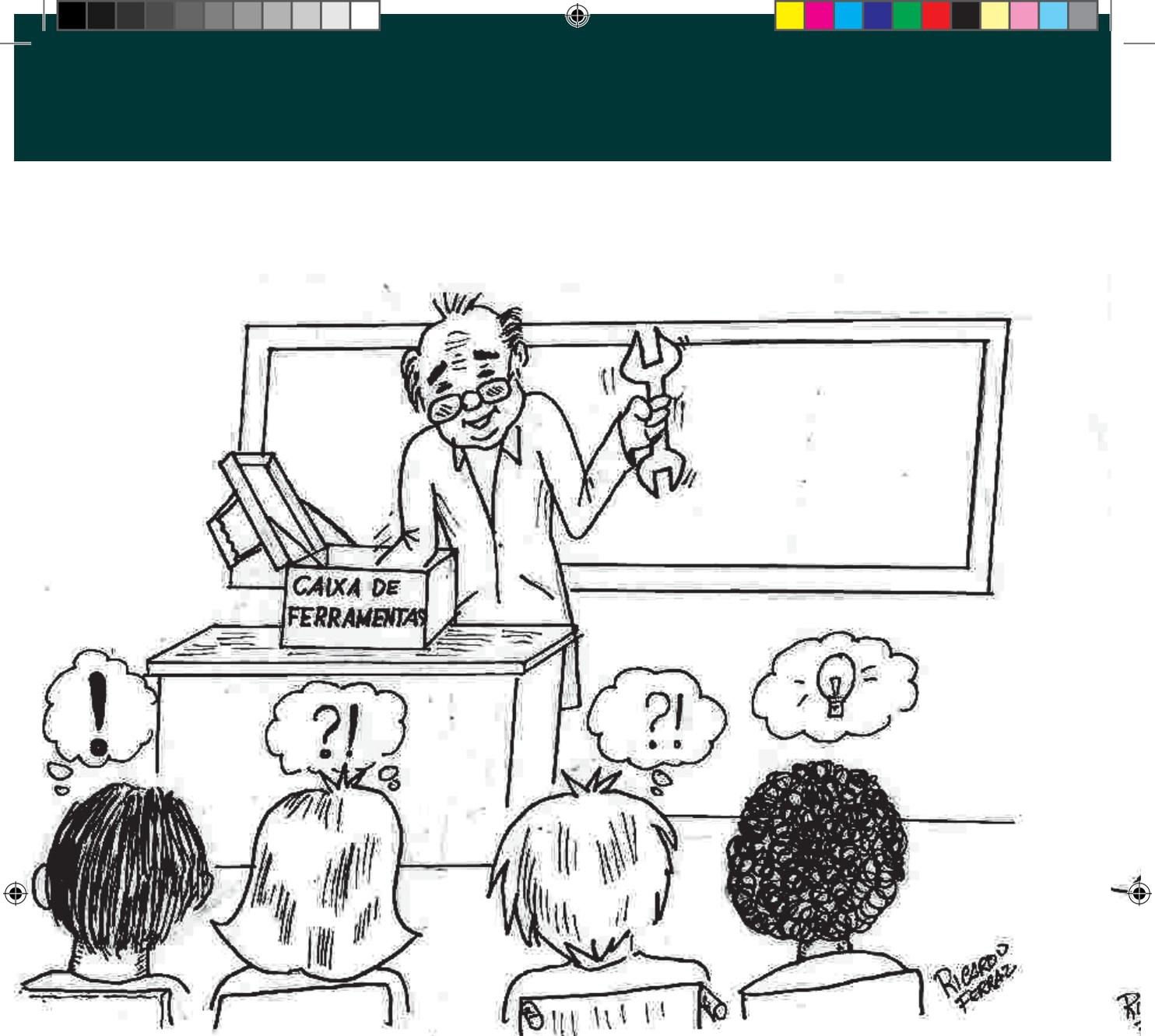
na escola, inclusão é...

Celebrar cada progresso e conquista de seus alunos.



na escola, inclusão é...

Fazer um exercício constante de colocar-se no lugar do outro.



na escola, inclusão é...

Conhecer e utilizar ferramentas como: estratégias de aprendizagem, habilidades de estudo (organização do tempo, organização dos materiais de estudo, elaboração de registros, notas de aula, resumos, diários) que permitam o aprender a aprender.



na escola, inclusão é...

Não ter vergonha de pedir ajuda quando necessário e saber que os alunos podem dar informações preciosas sobre como aprendem.



na escola, inclusão é...

Incentivar os alunos a fazerem escolhas e a aprenderem com seus sucessos e erros, criando para isso um ambiente ativo de aprendizagem que permita a resolução de problemas, a colaboração com seus pares, estimulando a autonomia.



na escola, inclusão é...

Valorizar a diversidade e a capacidade de cada um para aprender, tendo em mente que os alunos têm ritmos e estilos diferentes de aprendizagem.



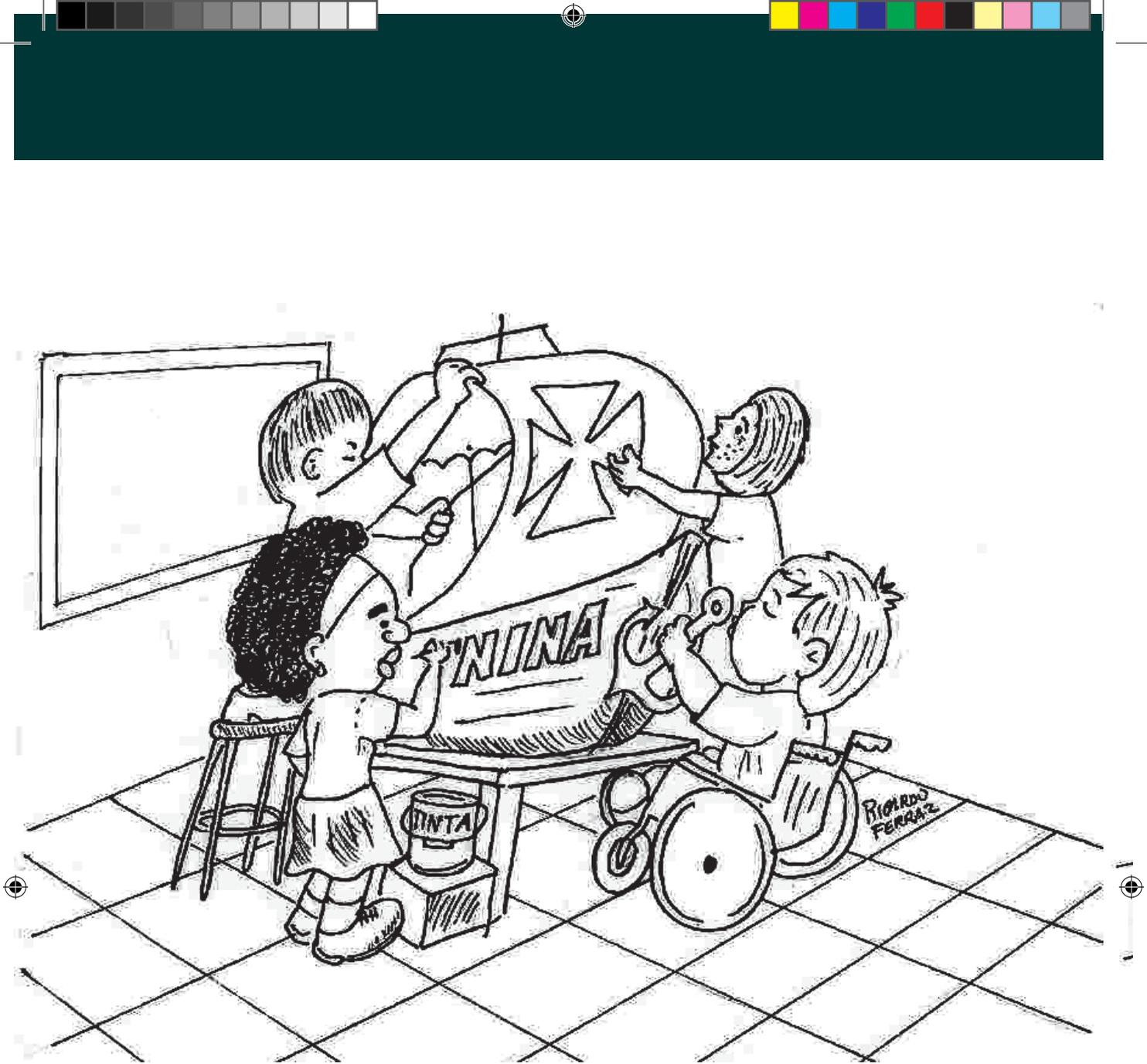
na escola, inclusão é...

Saber que as experiências vivenciadas em casa, na vizinhança, com amigos e parentes, quando trazidas para a sala de aula, poderão contribuir para o melhor entendimento e significação do conhecimento escolarizado.



na escola, inclusão é...

Desenvolver a criatividade, buscando alternativas que despertem o interesse e a curiosidade de todos os alunos, trabalhando com uma variedade de materiais, jogos, brinquedos, atividades, organização diferente da rotina e do espaço da sala de aula, o que irá colaborar para a ampliação das experiências de aprendizagem.



na escola, inclusão é...

Saber que, na sala de aula, o aluno não é um mero espectador, mas um participante ativo na construção do conhecimento.



na escola, inclusão é...

Sair da sala de aula e explorar outros ambientes como fontes ricas de conhecimento. É ir ao parque, ao zoológico, ao museu, à biblioteca, à feira, ao mercado. É fazer uma horta, plantar flores no jardim, ver a grama crescer, observar a borboleta sair do casulo...



na escola, inclusão é...

Criar espaços cênicos, improvisando, usando o mobiliário já existente, trazendo outros materiais como cortinas, caixas grandes, almofadas, retalhos, sucatas, fantasias, para que as crianças dêem asas ao imaginário, atribuindo novos sentidos aos objetos, brincando de faz-de-conta e interpretando o mundo.



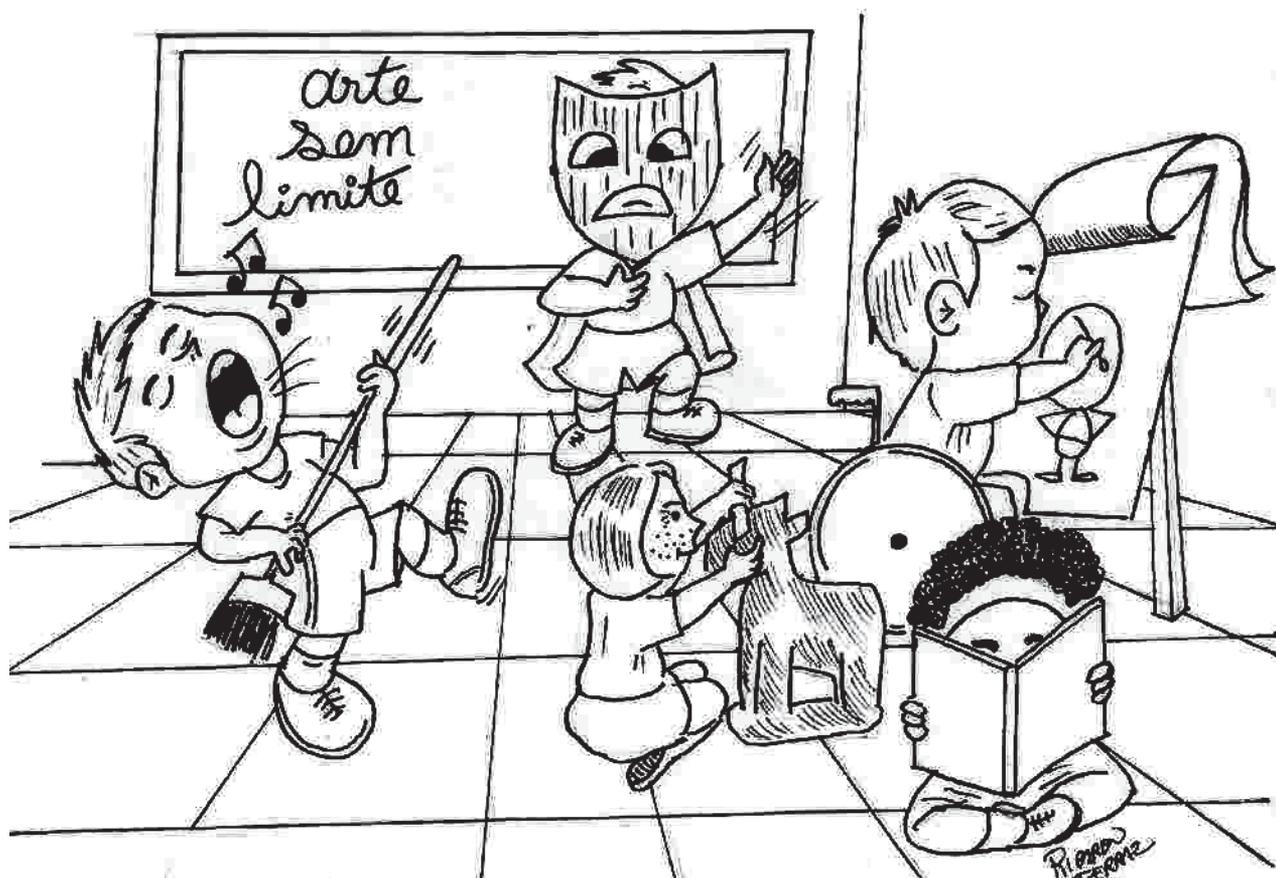
na escola, inclusão é...

Contar a mesma história de diferentes formas, usando para isso diversos recursos como sons, imagens, objetos, até que todos possam entendê-la, incentivando, com isso, o desenvolvimento dos sentidos.



na escola, inclusão é...

Inventar mil maneiras de brincar da mesma brincadeira.



na escola, inclusão é...

Permitir e incentivar as diferentes formas de expressão.



na escola, inclusão é...

Viver com a possibilidade de encontrar novos recursos, até mesmo onde você não imaginava...



na escola, inclusão é...

Compreender o limite entre o respeitar as limitações e o estimular as potencialidades.



na escola, inclusão é...

Contar com a maior participação da família na escola, tanto para informações sobre a aprendizagem e o desempenho escolar da criança, quanto para uma orientação sobre o seu desenvolvimento potencial.



na escola, inclusão é...

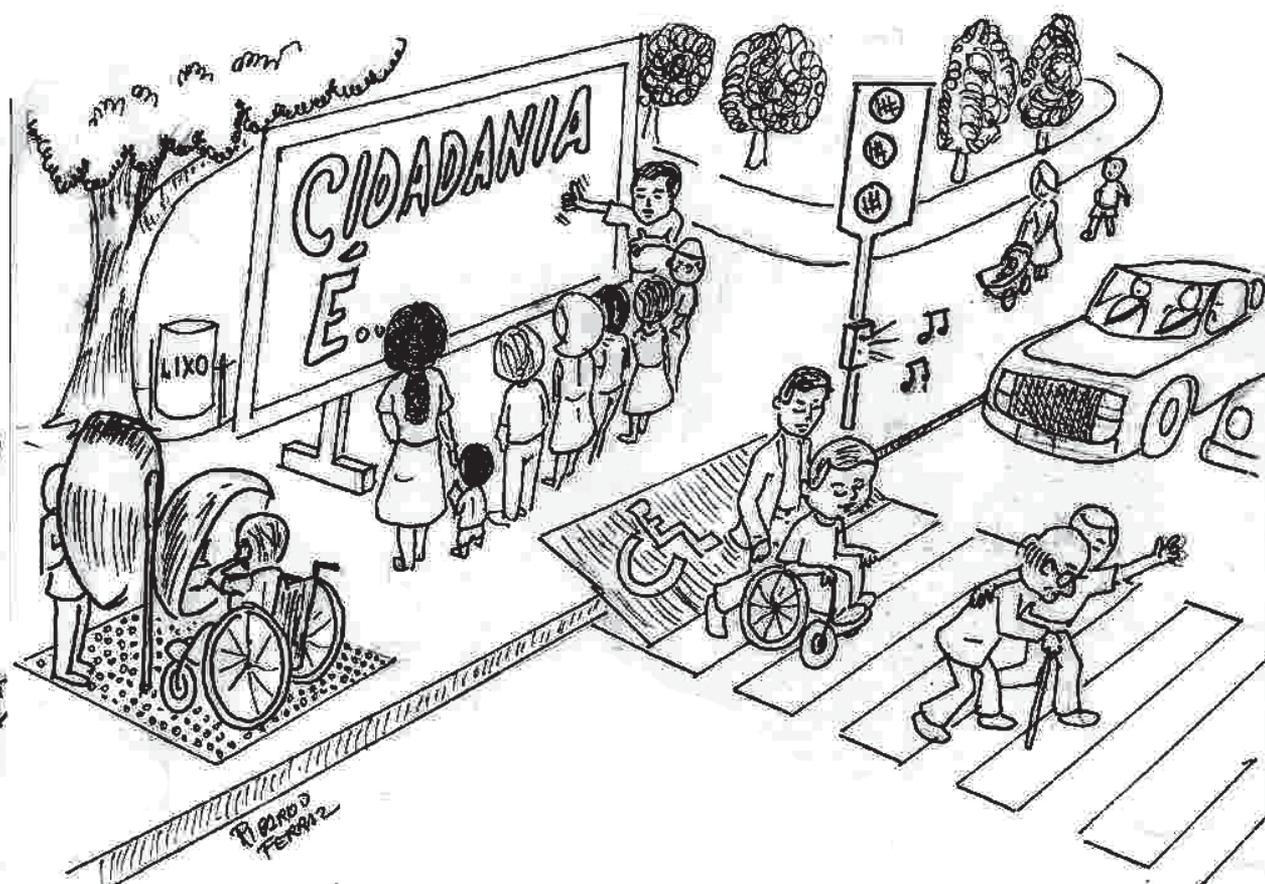
Participar de um importante movimento coletivo de quebra de paradigmas sociais, que permita a equiparação de oportunidades para todas as pessoas, deixando de lado atitudes assistencialistas.

— ESTAMOS CONSTRUINDO O MUNDO QUE NÓS SONHAMOS,
LUTAMOS E QUEREMOS!!



na escola, inclusão é...

Ter uma visão contemporânea de cidadania, que contemple a perspectiva dos direitos humanos universais e o conceito de homem participativo.



na escola, inclusão é...

Educar cidadãos, preparar os alunos para viver e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e mais solidária.

Muito tem-se falado sobre inclusão e, principalmente, sobre como adaptar as atividades pedagógicas para alunos com deficiência nas classes regulares, beneficiando, também, alunos que precisam usufruir da rotina escolar, acessando o currículo e o conteúdo pedagógico proposto de diferentes formas. Este é um dos aspectos que mais tem intrigado os professores e causado, ainda, um certo desconforto. Esta seção pretende discutir o conceito e apresentar sugestões de atividades inclusivas, que poderão ser usadas por vocês, professores, em suas salas de aula.

Atividades inclusivas são estratégias pedagógicas, que objetivam construir oportunidades reais de aprendizagem para todos os alunos. Permitem a interação de todas as crianças em sala de aula, levam em consideração as peculiaridades dos alunos e suas diversas maneiras de aprender. São atividades que exploram as experiências prévias dos alunos, suas sensações e sentidos diante do novo. Desenvolvem, também, as habilidades e a criatividade, tanto de professores, quanto dos alunos, motivando e despertando a vontade de aprender e de relacionar a nova aprendizagem às experiências de vida.

Para planejar e realizar estas atividades, os professores podem fazer uso de diversos tipos de materiais, como papéis de diferentes texturas, cores e gramaturas, materiais recicláveis, sucata, tecidos, isopor, plumas, penas, restos de lã, barbantes, botões, contas e mais uma infinidade de coisas que a criatividade ajudará a encontrar.

As sugestões que fazemos a seguir pretendem, principalmente, despertar em vocês, professores, a vontade de experimentar estas atividades em sala de aula e, ao mesmo tempo, a vontade de criar outras muitas atividades inclusivas, a partir de idéias simples e dos interesses de sua classe.

O processo de preparação destas atividades envolveu muita conversa, motivação, criatividade e andanças, inclusive na Rua 25 de Março, um lugar fantástico, onde é possível dar asas à imaginação, tamanha a variedade de materiais. Foi um trabalho realizado a muitas mãos.

O trabalho em grupo é essencial para a aprendizagem, principalmente, porque acreditamos ser a aprendizagem um processo socialmente mediado pelo outro. O outro nos ajuda a ter mais idéias, a pensar em coisas que não havíamos pensado anteriormente, a crescer como pessoas e como profissionais. Na escola inclusiva, o trabalho colaborativo de professores poderá trazer respostas para muitas dúvidas que ainda temos hoje com relação à adaptação de atividades, à avaliação dos alunos e à participação deles na rotina escolar.

atividades inclusivas

Dando continuidade a nossa conversa sobre as atividades inclusivas, destacamos, a seguir, a importância e o potencial das histórias para a educação inclusiva.

As histórias infantis são consideradas recursos pedagógicos importantes, e podem ser utilizadas com diferentes objetivos, dentre eles, explorar novos temas e a função social dos mesmos; trabalhar com conceitos, formas, cores, texturas, objetos, alimentos e animais, atitudes, valores e regras, o que permite ampliar o vocabulário, desenvolver a imaginação e a narrativa, aspectos estes que contribuirão no processo de alfabetização e letramento.

Ouvir histórias é, pois, uma atividade essencial para o letramento, além de ser um momento permeado pelo afeto, pela cumplicidade que pode ser estabelecida entre educador e crianças, personagens e história, história e valores, o que será definitivo para a proximidade com os livros e para a formação de leitores.

Para a sala de aula inclusiva, as histórias são ainda mais relevantes, pois permitem que o professor aborde de forma lúdica aspectos da convivência e a valorização da diferença como um atributo positivo, o que remete a múltiplas aprendizagens. Ao contar histórias, os professores poderão usar materiais e recursos para dar mais vida à narrativa, garantindo, com isso, não somente mais oportunidades de aprendizagem, como também níveis de participação diferentes.

Ao contarmos histórias, recomendamos que sejam observados alguns aspectos, tais como:

- Explorar o título: dar às crianças a oportunidade de prever o que vão ler ou escutar, possíveis personagens e enredo;
- Explorar a organização do livro: capa, nome do autor, editora, número de páginas, e a informação que tudo isso revela;
- Dar vida à história com efeitos sonoros e materiais táteis, assim como diferentes vozes;
- Explorar os personagens;
- Fazer previsão do final;
- Explorar a situação social e ligá-la à realidade do aluno;
- Expandir o conhecimento, fazendo com que a história seja ponto de partida para projetos e outras discussões e pesquisas.

a importância das histórias para a educação inclusiva

O roteiro a seguir, elaborado por Shimoura (2005), objetiva colaborar na organização das informações que fazem parte de uma história e que são fundamentais no momento do contar e do recontar.

1. Qual o nome da história? Podemos prever o que vamos ler?

2. Como o livro se organiza: capa, nome do autor, editora, número de páginas?

3. Qual o tipo de enredo? Fábula, conto de fadas, lenda folclórica, mitos, aventura...

4. Qual o cenário da história? Onde ela acontece? Castelo, floresta, mar, outro país, casas, cidades... Quantos cenários são?

5. Qual a época em que a história ocorre? Dia, ano, mês, há muito tempo atrás...

6. Quem são os personagens? Animais? Reis e rainhas? Príncipes e princesas? Bruxas e caçadores?

7. Dizer quantos e quais são os personagens principais e os secundários.

8. Fazer uma breve descrição dos personagens principais: descrição física e psicológica, profissão ou o que fazem.

9. Fazer uma breve descrição dos personagens secundários: descrição física e psicológica, profissão ou o que fazem.

10. Quais os aspectos culturais, históricos ou científicos que a história apresenta?

11. Adequar o discurso à faixa etária para a qual vai se contar essa história.

12. Descrição da introdução da história.

13. Descrição do enredo da história.

14. Destacar o ponto culminante da história.

15. Desfecho da história.

16. Situações e valores sociais a serem trabalhados.

a importância das histórias para a educação inclusiva

Além de ouvir as histórias, é importante que as crianças possam manusear os livros, mesmo aquelas que ainda não sabem ler. O contato com o livro em si, as imagens, o texto, tudo isso irá colaborar na formação do futuro leitor. Para as crianças com deficiência visual, as sugestões são os livrinhos de histórias com adaptação do texto em braile, painéis com figuras em relevo para ilustrar a história - o que chamamos de painéis táteis ilustrativos - e CDs com músicas para ajudar a criar a ambientação e o clima da história.

Algumas editoras já têm produzido o livro em tinta, ampliado e em braile, na mesma página, o que permite que as crianças com deficiência visual usem o mesmo material que as crianças que enxergam, possibilitando, também, o contato com o sistema braile de leitura e escrita para as crianças que enxergam. Mesmo quando não for possível ter acesso a este tipo de material, um recurso que pode ser usado pelos professores com os alunos cegos, em processo de alfabetização, é colar uma página com o texto em braile no próprio livro de histórias. O mesmo pode ser feito com o texto ampliado para as crianças com baixa visão.

Outra opção que deve ser explorada pelos professores e recomendada para as famílias de crianças com deficiência visual são os livros falados. Outras crianças com dificuldades motoras que não conseguem manusear um livro, crianças com dificuldades cognitivas, crianças com deficiência intelectual, crianças com dislexia e também as crianças sem deficiência podem se beneficiar e se deleitar com esse recurso.

Importante destacar que, ao contarmos histórias para crianças com deficiência visual, precisamos fazer uso de um recurso de acessibilidade, a audiodescrição. Este recurso permite que as pessoas com deficiência visual tenham acesso à linguagem imagética, possibilitando, desta forma, uma maior compreensão do que é assistido, lido ou escutado. Em histórias infantis, a audiodescrição permite que personagens, cenários, objetos e outros detalhes das imagens ganhem vida, transformem-se em texto oral, podendo ser, então, conhecidos pelas crianças com deficiência visual. As crianças que enxergam também se beneficiarão do recurso, já que poderão desenvolver a capacidade de observação, a fluência verbal, além do entendimento maior da história.

Para alunos com deficiência auditiva, vale apontar que algumas histórias clássicas já possuem versões escritas em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Além do material já impresso, é possível adaptar qualquer história e reescrevê-la utilizando a língua de sinais. Para isso, é necessário conhecer o texto previamente, fazer um resumo com as principais partes da história e escolher os sinais que representem a seqüência do livro. Ressaltamos o uso de imagens como um dos recursos fundamentais para ampliar o entendimento das crianças com deficiência auditiva.

LIBRAS é a língua brasileira de sinais que substitui a comunicação oral, mas não a comunicação escrita. Assim, para a pessoa com deficiência auditiva, LIBRAS é a primeira língua e a língua portuguesa a segunda, com a qual a pessoa surda poderá se expressar de forma escrita.

Quando pensamos em livros escritos em LIBRAS, em contar histórias para surdos, não podemos nos esquecer que nem todas as crianças conhecem a língua de sinais. Muitas vezes é na escola que elas aprendem LIBRAS. Daí a importância de contar a história montando uma seqüência lógica de imagens e dos sinais que traduzem o texto, pois assim, além da possibilidade de conhecer e entender a história, o aluno poderá ampliar seu vocabulário na língua de sinais.

Com relação às crianças com deficiência intelectual e aquelas com distúrbios globais do desenvolvimento, não há limitações sensoriais que impeçam a compreensão da história. Entretanto, podem ocorrer algumas dificuldades com relação à compreensão e ao tempo de atenção dispensada para o momento da atividade. Para transpor estas possíveis barreiras, podemos contar as histórias de forma mais concisa (focando nas partes principais), com o auxílio de painéis táteis ilustrativos e de objetos concretos. Além disso, outro recurso que pode ser utilizado, é recontar a história de diferentes formas, dialogando com os alunos, entremecendo a história com perguntas e contando com a participação de todos.

a importância das histórias para a educação inclusiva

As atividades que apresentamos a seguir, usando as histórias como recursos de mediação pedagógica, foram trabalhadas com alunos da rede municipal de Santo André. Como foram contadas e recontadas inúmeras vezes, pudemos perceber sua relevância e o quanto podem contribuir para oferecer oportunidades de aprendizagem para todos os alunos.

Estas histórias podem ser contadas com apoio de painéis táteis ilustrativos, elaborados com cópias coloridas de páginas dos livros de histórias, em tamanho A3. Sobre as cópias, colada em cartolina ou papel cartão para maior durabilidade, são colocados diversos materiais com texturas diferentes para chamar atenção para certos detalhes da imagem, como por exemplo, árvores, flores, roupas de personagens. Este recurso permite que crianças com deficiência visual conheçam mais sobre os personagens, cenário e detalhes das histórias, pela percepção tátil. Os painéis chamam, também, a atenção de crianças surdas e crianças com deficiência intelectual, que poderão acompanhar as histórias e entendê-las melhor.

Curupira estava andando distraidamente pela floresta, quando ouviu um barulho parecido com trovão que vinha do meio da mata.

Saiu correndo e começou a bater nas árvores para que elas acordassem. Afinal, o Curupira sempre faz isso quando pressente o mal.

Ele bateu nas árvores para que elas resistam melhor ao mau



Para alunos a partir do 1º ciclo inicial, variando o nível de dificuldade das perguntas.

História: Curupira

Autor: Paulo Dias Fernandes

Editora: Edelbra

Ano de publicação: 1984

Curupira

Objetivos

- Despertar o gosto pela leitura;
- Investigar o conhecimento prévio sobre o tema;
- Desenvolver algumas habilidades manuais como amarrar, colar, alinhar;
- Despertar nas crianças a preocupação com a preservação da natureza e dos animais.

Procedimentos

Antes

- Perguntas que objetivam despertar a curiosidade das crianças sobre a história:
Quem gosta de histórias?
Quais as histórias favoritas?
Qual a última história lida ou ouvida?
- Perguntas que objetivam a formação do leitor crítico com a exploração do título e ilustração da capa:
O que vamos ler/ouvir?
O que nos diz o título?
Quem pode descrever a imagem da capa?
Além do título e da ilustração, o que mais temos na capa?
Por que é importante saber o nome do autor?
E o nome da editora?
- Perguntas que objetivam conhecer o contexto da história:
Quem já esteve em uma floresta?
Quais são os animais que vivem na floresta?
Quem mais vive nas florestas?
Como é a floresta? Cores, texturas, barulhos. (colocar o CD com os barulhos da floresta).
Passar alguns cartões com texturas da floresta. As crianças vão passando para trás.
- Perguntas que objetivam levantar o conhecimento prévio sobre o personagem:
Quem é o Curupira?
Como ele é?
Onde ele vive?
O que ele faz?
- Mostrar painel do Curupira na floresta. Para crianças com deficiência visual, será necessário descrever o Curupira e a floresta, transformando o visual em verbal. A descrição será um recurso fundamental, o que irá contribuir, também, para aguçar o senso de observação e para ampliar o vocabulário das crianças que enxergam.

Curupira

Durante

- Contar a história, com alguns efeitos sonoros: radiografias para fazer barulho de trovão e relâmpagos, garrafa pet com feijão dentro para fazer o barulho do Curupira batendo no tronco das árvores para despertá-las, pacote de macarrão para fazer o barulho de passos na floresta;
- Mostrar os painéis táteis ilustrativos ao contar a história e deixar que as crianças passem as mãos, explorem, comentem;
- Fixar os painéis na lousa após a exploração.

Depois

- Perguntas sobre a história que objetivam resgatar o enredo, os personagens e o desfecho da história:
O que aconteceu?
Por que o Curupira ficou bravo com o caçador?
Quais são os personagens da história?
- Perguntas que objetivam despertar nas crianças a preocupação com a preservação ambiental, os danos da caça predatória para a cadeia alimentar, a derrubada das árvores e o prejuízo para o meio ambiente:
O que pode acontecer se os caçadores caçarem muitos animais da mesma espécie? (ênfase no desequilíbrio da cadeia alimentar, o que pode ser feito mostrando animais de plástico, para chamar mais atenção para o tema)
Quais os prejuízos da derrubada de árvores, da poluição dos rios para o meio ambiente?
O que podemos fazer para preservar as florestas, os rios e os animais? (destacar a importância do consumo responsável, da reciclagem de lixo, dos lugares onde não devemos jogar lixo e as consequências do lixo em rios e florestas)
- Vamos fazer a carinha do Curupira? Distribuir os kits contendo:
Círculo de papel cartão vermelho com três furos;
Rodelinhas de papel adesivo para os olhos com tinta relevo marcando as pupilas;
6 pedaços de lã vermelha (dois pedaços para ser enfiados e amarrados em cada buracozinho);
Boquinha de papel cartão verde, cortado com tesoura de picotar;
1 palito de picolé para ser colado atrás.



Curupira

- Pedir para as crianças não abrirem os kits, antes das instruções de como fazer. A carinha do Curupira servirá para lembrar os alunos sobre a responsabilidade de cada um na preservação do meio ambiente.
- Quando as crianças finalizam o trabalho, preparam em duplas o que o Curupira vai dizer para as árvores, caçadores, animais e, em seguida compartilham com os colegas.

A história será ilustrada por painéis, sons da floresta e efeitos sonoros como trovão, corrida no meio da mata, pancadas nas árvores. Se tivermos uma criança com deficiência visual, todas as imagens dos painéis serão descritas. Se tivermos uma criança com deficiência auditiva, ela poderá acompanhar a história pelos painéis, gestos e expressões. O professor que já conhece um pouco de língua de sinais, poderá preparar-se para contar a história em LIBRAS. As crianças com deficiência intelectual também terão mais possibilidades de entendimento, pois serão estimuladas por vários canais perceptivos.



Curupira

A atividade manual de montar a carinha do Curupira colabora para desenvolver a coordenação motora fina: amarrar os fios de lã, alinhar e colar os olhos e a boca. As crianças com deficiência física, em especial paralisia cerebral, também poderão fazê-la. No caso de dificuldade para amarrar os fios, poderemos ajudá-los na laçada, para que possam puxar os fios.

Procedimentos

Antes

- Perguntas que objetivam despertar o interesse pela história e o gosto pela leitura:
Quem gosta de histórias?
Quais as histórias favoritas?
- Perguntas para exploração do título e ilustração da capa:
O que vamos ler/ouvir?
O que nos diz o título?
Quem pode descrever a imagem da capa?
- Perguntas para a formação do leitor crítico:
O que encontramos na capa?
Por que é importante saber o nome do autor?
E da editora?
Quem é o ilustrador?
É a mesma pessoa que escreve o livro?
- Perguntas para discutir o tema:
Em que ano estamos?
O que é passado e o que é futuro?
Quais são os planetas do sistema solar?
Existem pessoas morando em outros planetas?

Durante

- Contar a história, apresentando os personagens com o auxílio de dedoches (fantoques de dedo), conforme seu aparecimento na história.
- Representação de algumas etapas da história, como por exemplo, das brincadeiras descritas no livro.
- Apresentação dos painéis táteis ilustrativos, permitindo a exploração destes pelas crianças. Após esta etapa, os painéis são fixados na lousa.
- Interação com os dedoches, fazendo perguntas que possam nortear as etapas da história e representação das respostas com sim e não.
- Interação com os alunos, pedindo que conversem e dêem suas opiniões para os dedoches.

O menino da lua

Depois

- Perguntas que objetivam resgatar o enredo, personagens, desfecho da história;
- Perguntas que objetivam expandir o tema e discutir a diversidade e a dificuldade de aceitar a diferença:
Por que os meninos não queriam brincar com o Menino da Lua?
O que acontece quando ficamos sozinhos, sem amigos?
Como é o lugar onde o Menino da Lua foi parar?



Era uma festa no Espaço
 ver os meninos brincando
 como brincam os meninos
 desde que o Universo existe
 e a gente vive nele.
 De todas as brincadeiras,
 a que era a mais fascinante,
 a que era a mais radical,
 era a de Pula-planeta:
 “Coisa pra profissional!”
 É que meninos não mudam
 nem de noite, nem de dia,
 nem que passem três mil séculos,
 como a mamãe repetia.

- Fazer o desenho do planeta que o Menino da Lua descobriu e escrever um pequeno texto contando como é esse planeta. Cada grupo recebe um retângulo de cartolina laminada azul, tamanho A4, um envelope contendo algumas figuras de EVA (1 figura em EVA grande, representando um ser humano ou um animal; 2 ou 3 figuras tamanho médio ou pequeno para compor o cenário), botões com ilustrações.
- As instruções de como fazer a montagem do painel devem contemplar a importância do trabalho em grupo, a necessidade de respeitar a opinião do outro e a divisão de tarefas.

O menino da lua

A história será contada com apoio de painéis táteis ilustrativos, representação dos acontecimentos e fantoches de dedo (dedoches), que representam alguns personagens da história. Se tivermos uma criança com deficiência auditiva, ela poderá acompanhar a história pelos painéis, gestos e expressões.

As crianças com deficiência intelectual também terão mais possibilidades de entendimento, pois serão estimuladas por vários canais perceptivos. As crianças com deficiência visual têm a oportunidade de explorar mais um canal perceptivo além da audição, pois poderão explorar os painéis táteis. Importante destacar a necessidade de descrever com detalhes os painéis, pois além da exploração tátil, isto será essencial para a compreensão.

As fotos desta página são de produções feitas pelas crianças, em atividades com 'O Menino da Lua', em escolas da rede municipal de Santo André.



O menino da lua

A atividade proposta aos grupos, logo após ouvirem a história, é a de montar um cartaz com o suposto planeta, no qual o Menino da Lua está. Para tanto, utilizar recortes de cartolina laminada azul, tamanho A4 e envelopes com kits de figuras de EVA de objetos variados como: flores, borboletas, animais, pessoas, árvores, carros, aviões, barcos e outros.

Esta atividade, realizada em grupos, permite a participação de todos os alunos, de forma que um possa ajudar o outro, compensando, desta forma, possíveis dificuldades. A colagem das figuras em EVA necessita de coordenação motora fina para a retirada da fita adesiva, porém o manuseio da peça é relativamente fácil, devido ao tamanho das peças. Além de decidir onde posicionar as peças, as crianças, também, escrevem um pequeno texto descrevendo o local onde o Menino da Lua foi parar. É possível observar a compreensão da história e o nível de abstração dos grupos.

De tanto que a menina explicava,
as pessoas às vezes se irritavam,
(irritação é um alarme de carro
que dispara bem no meio do seu peito)
e terminavam indo embora,
deixando a menina lá, explicando, sozinha.



Para alunos a partir do 1º ciclo inicial, variando o nível de dificuldade das perguntas.

História: Mania de explicação

Autor: Adriana Falcão

Ilustração: Mariana Massarani

Editora: Salamandra

Ano: 2001

mania de explicação

Objetivos

Ampliar o vocabulário;

Dar outros sentidos aos significados das palavras;

Trabalhar a aprendizagem significativa, estabelecendo elos entre os sentidos das palavras e o cotidiano das crianças;

Enfatizar a importância do trabalho em grupo, a construção coletiva do conhecimento, a colaboração entre pares e o saber ouvir o outro.

Procedimentos

Antes

- Perguntas que objetivam despertar o interesse pela história:
Quem gosta de histórias?
Quais as histórias favoritas?
- Perguntas para exploração do título e ilustração da capa/discussão do tema:
O que vamos ler/ouvir?
O que nos diz o título?
O que é mania?
Quais os tipos de manias que cada um tem?
O que é explicação?
Por que explicamos as coisas?
- Perguntas que objetivam expandir o tema:
Quem já viu e para que serve um dicionário?



Durante

- Contar a história, usando para isso uma boneca grande, como a da foto, que representa a personagem principal do livro. Antes de apresentar cada palavra, perguntar às crianças se elas conhecem o significado das palavras e pedir que expliquem. Em seguida, falar sobre os sentidos atribuídos pela personagem, ilustrando com brinquedos concretos que estão na mochila da boneca. Enquanto a história é contada, são mostrados os painéis táteis ilustrativos, com as definições para que as crianças possam explorar.

Depois

- As crianças são divididas em grupos para elaborar definições para algumas palavras. Cada grupo recebe palavras diferentes.
- Elas negociam, no grupo, a definição mais apropriada e elaboraram um texto para ser compartilhado com os outros grupos.

mania de explicação

Além dos painéis táteis ilustrativos, a história será contada usando uma boneca, personagem que elabora as definições para as palavras, e alguns objetos ilustrativos para os conceitos que serão definidos. Estes recursos interferem nos processos cognitivos, sendo que a compreensão é mediada pela representação concreta dos conceitos e favorecida pela sensibilização estabelecida ao relacionar as palavras com os conhecimentos prévios dos alunos.

Depois de ouvirem a história, as crianças elaboram, em grupos, definições para algumas palavras, as quais foram escolhidas privilegiando situações cotidianas, para que as crianças possam compartilhar significados e ampliar seu conhecimento e fluência verbais.



Certo dia, ao sair da escola, Júlio convida seu amigo Mauro para estudarem juntos. Mauro fica superfeliz, pois, além de estudar, vai conhecer a Fazenda Cocoricó e os amigos do seu companheiro. Chegando na fazenda, eles vão para o quarto de Júlio e se preparam para fazer a lição de casa. Para aquele dia, a professora tinha passado um ditado.

- E então, Júlio, podemos começar o ditado? - pergunta Mauro.

- Podemos, sim - responde ele. - Puxa, puxa que puxa Mauro! Acho tão legal esse seu jeito de escrever.

É que Mauro é deficiente visual, e Júlio admira a forma diferente como ele escreve, fazendo furinhos no papel.

Para alunos a partir do 1º ciclo inicial, variando o nível de dificuldade das perguntas.

História: Cocoricó – um amigo especial

Autor: Cristiane Pederiva

Editora: Melhoramentos

Ano: 2006

cocoricó-um amigo especial

Objetivos

Despertar o gosto pela leitura;

Discutir a deficiência visual e os recursos de acessibilidade necessários para a inclusão das pessoas cegas;

Conhecer o sistema braille de leitura e escrita;

Enfatizar a necessidade de interação social e inclusão escolar das pessoas com deficiência visual.

Procedimentos

Antes

- Perguntas que objetivam despertar a curiosidade das crianças sobre a atividade:
Quem gosta de histórias?
Quais as histórias favoritas?
Qual a última história lida ou ouvida?
- Perguntas que objetivam a formação do leitor crítico com a exploração do título e ilustração da capa:
O que vamos ler/ouvir?
O que nos diz o título?
Quem pode descrever a imagem da capa?
Além do título e da ilustração, o que mais temos na capa?
Por que é importante saber o nome do autor?
E o nome da editora?
- Perguntas que objetivam conhecer o contexto da história:
Vocês têm algum amiguinho com deficiência visual?
O que ele usa para aprender?
Como ele escreve?
E a leitura?
Quais são os personagens da turma do Cocoricó?
Onde eles vivem?
Como eles são?
- Perguntas que objetivam conhecer o personagem:
Quem são os personagens da capa?
Como eles são?
- Se houver crianças com deficiência visual em sala de aula, o professor precisa descrever as características físicas de cada personagem, o que vestem e onde estão. A descrição é essencial para que a criança entenda melhor a história e conheça o contexto e personagens. Este recurso beneficia, também, as crianças que enxergam, pois permite que desenvolvam a observação e a fluência verbal.

cocoricó-um amigo especial

Durante

- Contar a história, mostrando os painéis táteis ilustrativos e deixar que as crianças passem as mãos, explorem, comentem.
- Fixar os painéis na lousa após a exploração.
- Trazer uma bengala, uma reglete com punção e papel mais grosso para ser usado na reglete, alguns textos escritos em braille, que objetivam despertar a curiosidade das crianças para o sistema braille de leitura e escrita e também para os materiais usados pelas pessoas com deficiência visual. Estes instrumentos são usados por Mauro na história.



Lilica não consegue disfarçar a sua curiosidade e pergunta a que serve a bengala que Mauro carrega.

- Sabe, Lilica - explica Júlio. - A bengala é o "olho" do Mauro. Veja, ela funciona assim...

Júlio bate levemente com a bengala no chão e percebe tudo o que tem à sua frente, ao seu lado ou atrás dele. Ou seja, ele "enxerga" com a ajuda da bengala.

Depois que todos conhecem o novo amigo, eles decidem brincar no paiol, pois no quintal há muitas pedras e se é perigoso para o Mauro.

Depois

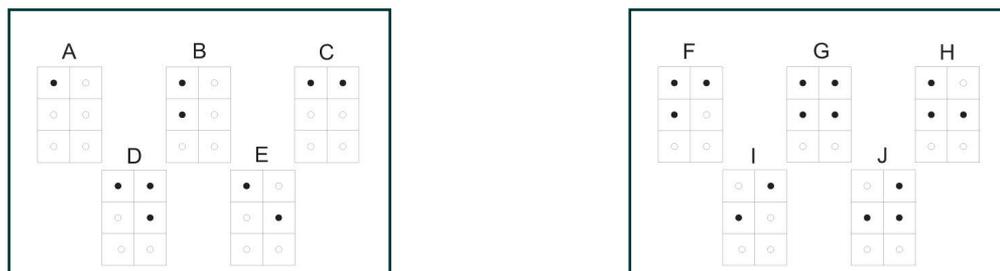
- Perguntas sobre a história que objetivam resgatar o enredo, personagens, desfecho:
O que aconteceu?
Quais são os personagens da história?
O que o Mauro usa para escrever?
E para se locomover?
Os amigos da turma do Cocoricó gostaram de conhecer o novo amiguinho?

cocoricó-um amigo especial

- Perguntas que objetivam despertar as crianças para o respeito à diferença, sobre o cada um pode fazer para promover a inclusão das pessoas com deficiência na escola e na sociedade:
O que acontece quando as crianças cegas não têm material em braille na escola?
E se a gente deixar mochilas no meio do corredor?
Como as crianças cegas assistem e entendem os filmes na TV e no cinema?
E nas ruas e calçadas, como podemos ajudar as pessoas com deficiência visual?

- Vamos aprender o alfabeto braille?

Distribuir cartões de papel com gramatura maior, em tamanho A4, com as letras do alfabeto braille para que as crianças colemb botões de camisa pretos nos pontos marcados em negro. Estes cartões ficarão expostos na sala de aula.



A história será ilustrada por painéis táteis ilustrativos e por objetos usados pelas pessoas com deficiência visual, tais como: bengala, soroban, reglete, punção. Se tivermos uma criança com deficiência visual em sala de aula, todas as imagens dos painéis serão descritas. Se tivermos uma criança com deficiência auditiva, ela poderá acompanhar a história pelos painéis, gestos e expressões. As crianças com deficiência intelectual também terão mais possibilidades de entendimento, pois serão estimuladas por vários canais perceptivos. A atividade manual de montar os cartões com o alfabeto braille com botões pretos contribuirá para o conhecimento do sistema braille de leitura e escrita, além de possibilitar o desenvolvimento da coordenação motora fina.

Destaque também será dado para a audiodescrição, a necessidade de descrever os lugares, mobiliário, imagens, vídeos, para que as pessoas com deficiência visual tenham mais informações de mundo e para que possam construir seus conceitos.

Outra sugestão é trazer vendas para a sala de aula para que as crianças possam, em duplas, guiar quem ficar vendado, em uma atividade de simulação. Autores como Hutchinson (1997) e Gregory (1986) contestam as experiências de simulação da deficiência visual, argumentando que elas acabam reforçando a idéia negativa que as pessoas cegas vivem na mais completa escuridão. O mais relevante desta experiência é poder ativar os outros sentidos e perceber algumas limitações e dificuldades impostas pela falta de visão. Além disso, a experiência também conscientiza os alunos sobre algumas atitudes em sala de aula, que podem evitar acidentes, como por exemplo: deixar as carteiras e outros móveis sempre nos mesmos lugares, portas abertas ou fechadas (nunca entreabertas) malas e mochilas em lugares que não atrapalhem a passagem.

cocoricó-um amigo especial

Outras atividades inclusivas

Além das atividades com histórias, elaboramos outras atividades inclusivas para oferecer a vocês, professores, mais oportunidades de reflexão sobre o que, como e para que criar estas atividades. A atividade que apresentamos a seguir, Desenho do Corpo, oferece possibilidades de desenvolver a conscientização corporal, o trabalho com as diferenças, ressaltando que cada um tem suas peculiaridades, apesar de sermos tão parecidos.

Objetivos

trabalhar a construção da imagem corporal;
discutir os cuidados com o corpo;
incentivar o trabalho colaborativo;
promover a interação;
discutir a diferença.

Procedimentos

Antes

- Perguntas que objetivam despertar o interesse das crianças pela atividade e pelo tema:
O que vamos fazer? Explicar que vamos “nos” desenhar, ao invés de desenharmos “alguma coisa”, como fazemos normalmente.
Quais são as partes do corpo?
Como cuidar bem do nosso corpo?
As pessoas são iguais?
O que nos diferencia?
- Um bom aquecimento pode começar com uma conversa, em roda, com os alunos sobre o tema “corpo”, levantando a importância de cada parte, dos movimentos, peculiaridades, singularidades, etc. Outro aspecto interessante a ser abordado é a diferença entre as pessoas. As pessoas têm características próprias que as diferenciam umas das outras.
- Podemos propor que a atividade seja realizada em duplas, para que um aluno possa fazer o contorno do corpo do outro e poder, desta forma, contribuir com o seu olhar, para ampliar a consciência corporal.
- Material sugerido: papel kraft (ou outro papel de rolo), canetinhas hidrográficas de ponta grossa, giz de cera ou giz de lousa.

desenho do corpo

Durante

- Estimular o trabalho em conjunto entre os alunos e, ao mesmo tempo, prestar atenção na reação de cada um diante de sua produção: pode haver aquele que se surpreenda com seu tamanho ou com alguma peculiaridade de seu corpo, aquele que se assuste, etc.
- No caso de alunos com DGD, pode haver a necessidade do professor auxiliar na construção de um olhar e de uma reação diante da produção, considerando que estas crianças têm uma dificuldade maior para atribuírem sentido às coisas do cotidiano, a começar pelo próprio corpo.

Depois

- Perguntas que possibilitam a retomada do processo e a percepção do que foi feito e como foi feito:
Como foi fazer esta atividade?
Houve facilidades/dificuldades?
Como foi a reação diante do desenho pronto?
Como cada um imaginava que seria antes de fazer?
O que vocês puderam observar?
Existem desenhos iguais?
O que isto nos sugere?

A atividade pode ser desenvolvida com todos os alunos, devido à variedade de aspectos que podem ser ressaltados. Segundo Levin (1998), a descoberta do corpo é essencial para a formação do indivíduo. Desde que nasce, a criança usa a linguagem corporal para conhecer a si mesma, para relacionar-se com seus pais, para movimentar-se e para descobrir o mundo. As crianças com deficiência podem ter mais dificuldade com a construção da imagem corporal, devido às limitações para usar o corpo. Quanto maior a conscientização a respeito do tema, mais elas poderão superar estas dificuldades e aprender com as restrições.

Se houver um aluno com deficiência visual, o aspecto tátil pode ser estimulado na construção do desenho do contorno de seu corpo, e na nomeação das partes, fazendo uso, por exemplo, de tinta relevo ou um cordão mais grosso para o contorno; se houver um aluno com deficiência auditiva, o aspecto visual pode ser enfatizado.

Em relação aos alunos com deficiência intelectual ou distúrbio global do desenvolvimento, além dos aspectos acima, pode-se ressaltar a própria função da construção da imagem corporal como a mais importante, uma vez que o objetivo principal é a visualização do corpo como um todo e a nomeação das partes. Além disso, com todos os alunos podemos trabalhar com coordenação motora e também com aspectos de colaboração.

Caso haja na sala um aluno com deficiência física, é necessário fazer um planejamento desta atividade, levando em consideração as particularidades deste aluno e dos cuidados com ele. Ademais, vale ressaltar que outros aspectos podem estar em jogo, como, por exemplo, a disponibilidade ou o preparo emocional do professor para trabalhar com a diferença.

desenho do corpo

Possibilidades de expansão

Esta atividade pode ser expandida de diversas formas, tendo em vista a idade dos alunos e os temas a serem trabalhados no momento pelo professor. Por exemplo:

- pode-se trabalhar o tema alimentação: quais são os alimentos que fazem bem para o nosso corpo; a importância da alimentação saudável; despertar as crianças para hábitos alimentares saudáveis; etc.
- pode-se fazer um aprofundamento acerca das funções das partes do corpo e dos órgãos.
- pode-se realizar um trabalho que envolva o letramento: os desenhos feitos pelos alunos podem ser afixados em algum local da sala de aula, e eles podem ser chamados a escrever os nomes de cada parte.
- o livro de histórias: "Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?", Sandra Branco, Editora Cortez, pode ser uma boa opção para expandir a discussão sobre a diferença.

Outras atividades inclusivas

A atividade, Móbile de Notícias, que apresentamos a seguir, destina-se a alunos do segundo ciclo inicial em diante.

Objetivos

Despertar o interesse pela leitura de notícias;
Promover a leitura crítica;
Elaborar pequenos textos;
Promover o trabalho em grupos;
Desenvolver e incentivar a aprendizagem colaborativa.

Procedimentos

- Trazer jornais para a sala e discutir com as crianças como eles se organizam, quais os objetivos de cada caderno.
- Dividir os alunos em grupos e dar um jornal para cada grupo (Folha de São Paulo, Estadão, Jornal do Bairro, Agora). Os alunos deverão responder algumas perguntas tais como:
Quantos cadernos tem o jornal?
Quais os títulos dos cadernos?
Do que tratam?
Como se organiza o primeiro caderno?
- Cada grupo apresenta para a sala a pesquisa sobre o jornal.
- Escolher algumas notícias do jornal do dia e colar em cartolina, a manchete com as fotos para que as crianças possam explorar as figuras e as manchetes e prever o que vão ler, trazendo para a cena o que já conhecem sobre o assunto e o que já ouviram falar. Se tiver algum aluno com deficiência visual em sala de aula, a professora poderá preparar as manchetes em braile e fazer a audiodescrição das imagens.
- A sala, por votação, escolhe a manchete que será trabalhada.

móbile de notícias

- Escolhido o texto a ser lido (normalmente textos curtos, de 1/8 de página), o professor lê o texto em voz alta para a classe escutar. Importante que, durante a leitura do texto, a professora faça pausas, contextualizando as frases com a realidade dos alunos. Para a melhor compreensão dos alunos com deficiência auditiva, é necessário fazer uso de imagens e de alguns sinais em LIBRAS.
- Ao finalizar a leitura, os alunos são questionados sobre o assunto do texto. O texto lido é recortado do jornal e colado em folha de cartolina colorida tamanho A4.

- Em outra folha de cartolina colorida, formato A4, inicia-se uma reconstrução coletiva do texto. Cada grupo reconstrói o texto a partir de pequenas frases ou da colagem de figuras, principalmente para as crianças que têm dificuldade com a escrita. No caso de haver aluno cego em sala de aula, o texto em seu grupo, deverá ser escrito em tinta e em braile. No caso de haver um aluno surdo, o aluno poderá escrever o texto fazendo uso dos sinais de Libras .
- Depois de prepararem o texto sobre a notícia, as crianças receberão outra cartolina, na qual deverão escrever sua opinião sobre a notícia, ou seja o que acharam, se isto é comum, o que precisa ser feito para evitar isto ou aquilo. Importante que o texto contenha opiniões justificadas e embasadas na compreensão da leitura. Deve-se manter os mesmos cuidados com a apresentação gráfica do texto, conforme o descrito acima.
- Finaliza-se a atividade, colocando um barbante que ligue as cartolinas da seguinte forma: recorte de jornal, texto reescrito e texto de opinião. Prende-se o barbante ao teto na sala de aula. Esta atividade pode ser repetida algumas vezes ao longo do semestre de forma a ter na sala de aula, um acervo de notícias de jornal e textos reconstruídos pelos alunos.

Esta atividade promove a formação do leitor crítico e permite a participação de todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, já que propõe o uso do braile, de Libras, de comunicação alternativa por meio de figuras, a linguagem pictográfica. A leitura realizada pela professora, acompanhada de gestos e desenhos que auxiliem na compreensão, bem como de perguntas significativas que ajudem na contextualização, permite que todos os alunos tenham acesso ao texto, possibilitando a compreensão sobretudo para crianças com deficiência intelectual , deficiência auditiva e crianças com distúrbio global do desenvolvimento.

A escola objetiva contribuir para a formação de alunos mais participativos na vida em sociedade e, para isso, precisa colaborar para o desenvolvimento da linguagem de todos os alunos, tanto a linguagem oral quanto a linguagem escrita, mesmo que o acesso de algumas crianças à palavra se dê por outras modalidades.

móbile de notícias

Em caso de alunos com deficiência física, com dificuldades motoras, é importante mencionar a necessidade da utilização de engrossadores de lápis de cor ou de placas com apoio para o manuseio, de forma que a permitir a participação mais autônoma da criança.

Expor os textos durante todo o ano é uma forma de manter o contato da criança com o mundo letrado, auxiliando em seu processo de alfabetização e letramento.

Outras atividades inclusivas

A atividade de elaboração de calendários, que apresentamos a seguir, destina-se a alunos do primeiro ciclo.

Objetivos

Introduzir e estabelecer os conceitos de orientação temporal;
Estabelecer conceitos de sequência numérica;
Estabelecer noções de quantidade;
Auxiliar na alfabetização e no letramento.

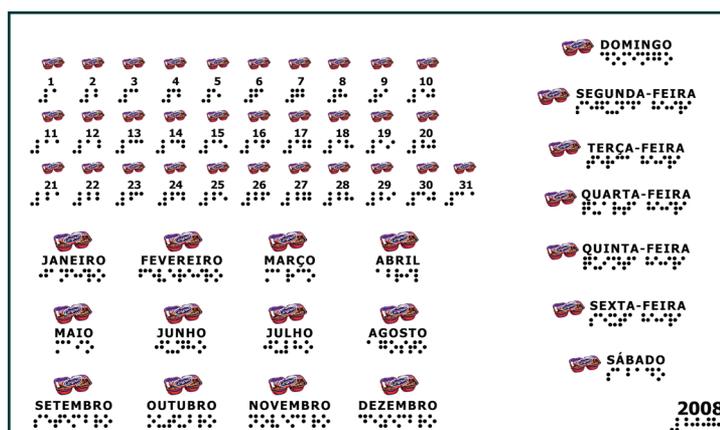
Esta é uma atividade que permite o estabelecimento de orientação temporal em crianças pequenas, que estão formando esse conceito, além de contribuir também para a aprendizagem de crianças que têm dificuldades para estabelecer a sequência temporal e compreender o funcionamento do ano letivo.

A utilização do calendário auxilia a criança na introdução de conceitos de quantidade e na internalização de formas de expressão tanto numérica, quanto letrada. Existem várias maneiras de trabalhar com um calendários, adaptando-os à idade das crianças. Apresentamos, abaixo, três exemplos de calendários, com níveis de dificuldade variados.

CALENDÁRIO I

Procedimentos

- Em uma folha de gramatura maior (EVA, papelão ou papel cartão), dispor os dias da semana, os dias do mês, o mês e o ano da seguinte forma:
- Os dados: dias (1 a 30), dias da semana (domingo a sábado) e meses (janeiro a dezembro) devem estar escritos com letras maiúsculas, em tamanho de fonte grande.
- Para melhorar a capacidade de leitura sugerimos a utilização de cores contrastantes (exemplo: papel preto e palavras em branco).
- Na frente de cada mês, sugerimos a elaboração ou a colagem de um desenho/figura em relevo ou com elementos táteis, que simbolize este mês (exemplo: julho com uma fogueira, fevereiro com serpentinhas e confetes).



calendário

- Ao lado de cada número ou palavra, pode-se colocar o correspondente em braille, permitindo a introdução das duas formas de escrita.
- Sobre cada informação (dia, dia da semana e mês) será colado um potinho de Danone, conforme o esquema acima. Dentro dos potinhos, precisa haver um pouco de espuma, para posterior fixação de palitos de sorvete.
- A professora apresenta os dados do calendário para a sala de aula, pedindo que os alunos coloquem palitos de sorvete no potinho correspondente ao dia da semana e o mês. Para marcar os dias do mês, vão se acrescentando palitos de forma que ao chegar ao trigésimo primeiro dia do mês, todos os potes correspondentes aos dias, estarão com palitos.

CALENDÁRIO II

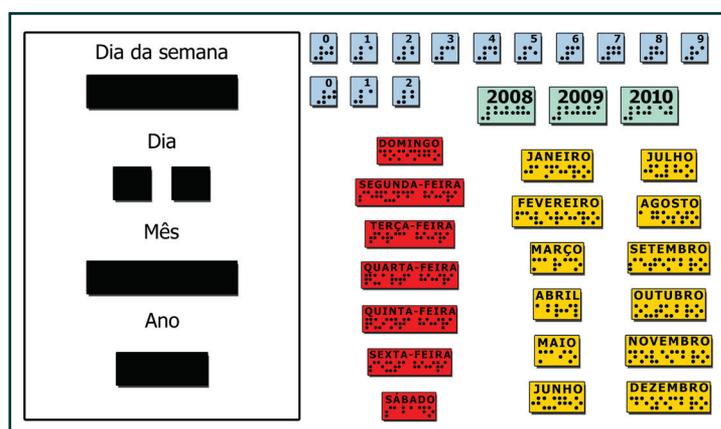
Procedimentos

- Em uma folha de EVA, construir espaço para preenchimento das informações diárias (dia, dia da semana, mês e ano). Montar um elenco de opções para o preenchimento do calendário, contendo: meses do ano, números para preencher os dias, dias da semana e opções do ano. Todas as opções devem estar expostas e serão coladas com velcro. As informações deverão ser escritas em língua portuguesa, em tinta e braile, LIBRAS e conter um elemento significativo representante, como por exemplo, um coelhinho na época da Páscoa, flores na primavera, árvore, índio, etc. O braile poderá ser feito com botões de camisa pretos para chamar mais atenção.
- Os alunos serão responsáveis por preencher o calendário, colocando as informações nos lugares correspondentes. Importante colocar diariamente todas as informações, incluindo ano e mês.

CALENDÁRIO III

Procedimentos

- Preparar um calendário tal qual os moldes convencionais, porém acrescentando a numeração e a nomeação dos meses e dias da semana em braile. Os desenhos que ilustram a página representativa do mês podem estar relacionados ao contexto da sala de aula e precisam ter ilustrações táteis.



- Antes de iniciar a aula escolher um aluno para marcar o dia no calendário (pode ser com caneta ou com tachinhas coloridas), chamando a atenção de todos os alunos para a marcação, para reconheçam o mês, o dia da semana e dia e estabeleçam, desta forma, a linha temporal, as noções de tempo (hoje, ontem, amanhã, próximo mês, mês passado).

Estas atividades favorecem a leitura universal dos dados, pois contém as informações em língua portuguesa, braile e LIBRAS. Isso também ajuda a difundir essas formas de comunicação escrita e falada e mesmo que não haja pessoas com deficiência visual ou auditiva na sala, as crianças já têm a oportunidade de conhecer outros sistemas de comunicação.

calendário

A utilização de cores contrastantes e letras grandes favorecem a leitura das crianças com baixa visão e ajudam a manter a atenção das pessoas com déficit de atenção e deficiência intelectual. As figuras táteis auxiliam na compreensão e na assimilação dos dados para as crianças com deficiência intelectual e com DGD, bem como possibilitam a participação de crianças cegas, surdocegas ou com deficiência múltipla.

O Calendário I utiliza as cores, potinhos, palitos de sorvete para auxiliar na compreensão dos dados a partir de um calendário já montado, elementos concretos que auxiliam a assimilação da seqüência numérica e das quantidades. O Calendário II enfatiza a capacidade de leitura, na qual o aluno deverá selecionar os dados para montar o calendário. Já o Calendário III se aproxima da utilização convencional de calendário, permitindo que o aluno compreenda a representação temporal utilizada pela sociedade, o que é essencial para a sua compreensão de mundo.

Outras atividades inclusivas

A atividade de elaboração de chamadas, que apresentamos a seguir, destina-se a alunos do primeiro ciclo.

Objetivos

Identificação pessoal e do grupo;
Reconhecimento do nome;
Reconhecimento do nome das pessoas do grupo, o que contribuirá para o letramento;
Estabelecimento de relação entre o nome e objetos representativos das pessoas, auxiliando na construção da identidade pessoal e da identidade do grupo.

Tradicionalmente, as aulas se iniciam com a chamada para verificar se o aluno está ou não presente. Porém, muito mais que um indicador de assiduidade, a chamada possui o papel social de apresentar os alunos ao professor e entre si, formando o grupo de referência. Esse momento tão marcante pode, também, ser considerado como uma atividade que contribui para o letramento, na qual as crianças aprendem a reconhecer seu nome e o nome dos colegas, bem como as características e preferências destes.

Abaixo, três sugestões de atividades, em nível crescente de dificuldade, que tornam o momento da chamada um momento de aprendizagem.

CHAMADA I

Procedimentos

- Montar um quadro grande com espaço para colocar: nome de cada aluno, escrito em tinta e em braille, foto e um objeto significativo para cada um.
- Inicialmente, cada criança deve reconhecer sua fotografia e/ou seu objeto de representação e colocá-la na chamada, no lugar assinalado com seu nome. A professora poderá ajudar na localização gráfica do nome.
- Outra etapa de utilização desse material é quando as crianças, em duplas, precisam localizar o nome do amigo.

chamada

CHAMADA II

Procedimentos

- Produzir placas com os nomes dos alunos e com objetos significativos desse aluno ao lado do nome (preferencialmente manter os objetos que já correspondiam à pessoa na chamada com foto). Importante que estas placas contenham letras grandes, maiúsculas e grafadas na forma bastão, utilizando cores contrastantes para a grafia.

- O nome deverá ser escrito também em braile (sugerimos o uso de botões para chamar mais a atenção), principalmente, se houver crianças com deficiência visual em sala de aula; e em Libras se houve crianças com deficiência auditiva.
- As crianças deverão reconhecer seu nome e colocá-lo no quadro de chamada, indicando presença. Posteriormente as crianças podem reconhecer o nome de outras pessoas da sala e assinalar a presença para esses outros alunos.

CHAMADA III

Procedimentos

- Em uma folha de papel sulfite, escrever os nomes dos alunos na primeira coluna e as datas das semanas nas primeiras linhas. Cada aluno deverá encontrar seu nome e assinalar a presença no quadro correspondente. Caso haja crianças com baixa visão, utilizar letras grandes e contrastantes. No caso de crianças cegas, utilizar também a escrita em braile.
- Para crianças com pouca coordenação motora, oferecer o nome em papéis, misturados a outros nomes, para que ela possa localizar o próprio nome, ou permitir que ela utilize letras em EVA para mostrar como se grafa o nome, que depois será transcrito pela professora na folha de chamada.
- A atividade deverá ser feita no início da aula, em substituição à chamada convencional.

Estas atividades permitem o reconhecimento da pessoa através da fotografia e/ou do objeto simbólico, para aqueles que não têm a possibilidade de enxergar. Possuir o nome grafado em língua portuguesa, braile e LIBRAS é uma forma de estimular a comunicação escrita e de difundir o braile e a LIBRAS.

Possibilitar o reconhecimento do aluno através de um objeto significativo colabora na construção da identidade pessoal e, ao mesmo tempo, na construção da identidade do outro e do grupo. Para as crianças com deficiência intelectual e com DGD, esta atividade será essencial para a constituição da identidade e para o reconhecimento da identidade do outro. Para os alunos com deficiência auditiva, é uma forma de introduzir os sinais de LIBRAS, tornar a língua mais conhecida para, desta forma, tornar-se um instrumento de comunicação.

chamada

A Chamada I enfatiza as características pessoais e o desenho como forma de reconhecimento. A Chamada II desloca o reconhecimento para o processo de leitura, com o auxílio de elementos pictográficos. A Chamada III destaca a importância da escrita, permitindo que as pessoas que não possuem coordenação motora para tanto, possam expressar-se com o apoio de materiais alternativos como letras de EVA.

Outras atividades inclusivas

A atividade com ditados populares, que apresentamos a seguir, destina-se a alunos do primeiro ciclo.

Esta atividade com ditados populares poderá contribuir para a formação crítica e cultural dos alunos, ampliando vocabulário e o entendimento de conceitos abstratos. Os ditados são expressões que discutem exemplos morais, filosóficos e religiosos, e se constituem como parte importante de nossa cultura. Conhecer de onde vêm, certamente, irá ampliar o repertório cultural dos alunos.

Objetivos

Promover a capacidade de abstração e entendimento;
Explorar aspectos culturais da linguagem;
Incentivar a leitura contextualizada;
Expandir o conhecimento e repertório cultural, e possibilitar a formação crítica dos alunos.

Procedimentos

- Mensalmente a professora deverá levar um ditado popular e incentivar a utilização deste na rotina da sala de aula. Para ilustrar o ditado, deve-se produzir um cartaz contendo o ditado escrito em língua portuguesa, em tinta e em braile, principalmente se houver crianças com deficiência visual, e em LIBRAS, se houver crianças com deficiência auditiva. Acrescentar um desenho com recursos táteis para ilustrar o ditado.
- Esse trabalho deve ser feito no início de cada mês e o material precisa ficar fixado em lugar de fácil visualização e acesso para toda a sala. No decorrer das aulas do mês, a professora pode utilizar o ditado nas conversas rotineiras, incentivando as crianças a fazerem o mesmo. No mês seguinte, coloca-se um novo ditado ao lado do material que já está exposto, de forma que no final do ano, as crianças tenham construído um repertório de ditados populares. O painel abaixo ilustra a sugestão de atividade.
- Importante, fazer os cartazes escritos em língua portuguesa, em tinta e braile, como também em Libras. A utilização dos sinais em LIBRAS no lugar do habitual alfabeto manual ajuda a difundir a estrutura da língua, favorecendo a comunicação entre as crianças. O texto em língua portuguesa auxilia na internalização da língua e na familiarização com os elementos da escrita e com o reconhecimento das palavras.

ditados populares

- A ilustração, contando com elementos táteis, faz com que o cartaz se torne atraente para as crianças, chame a atenção e favoreça a compreensão do significado da expressão. Crianças cegas poderão acessar o material, pelos elementos táteis e descrição; as crianças com deficiência auditiva pelos elementos visuais.

Esta atividade promove, desta forma, a possibilidade de desenvolver a abstração. Incluir a atividade durante o contexto da sala de aula faz com que as crianças internalizem o sentido da expressão, ampliando seu vocabulário e repertório cultural.

Chegamos ao fim deste material, com a certeza que pudemos colaborar com mais algumas pedras para a pavimentação da estrada que leva até a escola para todos. A construção desta estrada é feita com o exercício constante de olhar para o agir pedagógico, buscando novas possibilidades, novas formas de trabalhar com os mesmos temas, nova forma de olhar para a escola como um lugar de formação de cidadãos críticos, cidadãos do mundo.

O seu papel, professor, assume uma importância cada vez maior, o que enfatiza a necessidade de aprender sempre, buscar novas fontes de informação, fazer cursos, formar grupos de estudo. Cresce você, cresce a escola, aprende o aluno. E para finalizar:

Quem aprende voa longe,
Tece, borda, estabelece ligações
Entre um saber e outro.
Quem aprende cresce,
Multiplica o saber.
Trilha caminhos,
Abre portas.
Quem ensina aprende
E quem aprende pode ensinar,
Semear, ver o saber crescer.
A escola precisa ensinar a aprender
Um aluno, dois alunos, todos alunos.
Escola para todos
É escola que abre portas
Areja ares,
Transforma pessoas.
Escola para todos,
É escola para pessoas com deficiência,
Pessoas sem deficiência,
Pessoas que sabem muito,
E aquelas que sabem pouco.
Sonho eu, sonha você com escola assim,
Será que ela pode existir?

(Livia Motta)

e para concluir

referências

- HUTCHINSON, J. O., ATKINSON, K. & ORPWOOD, J. 1997. Breaking down Barriers – Access to Further and Higher Education for Visually Impaired Students. Stanley Thornes Publishers. Great Britain.
- LEVIN, E. 1998. Infância em Cena: Constituição do Sujeito e Desenvolvimento Psicomotor. Editora Vozes. São Paulo.
- MOTTA, L. M. V. M. 2004. Aprendendo a Ensinar Inglês para Alunos Cegos e de Baixa Visão – Um Estudo na Perspectiva da Teoria da Atividade. Tese de Doutorado. PUC SP.
- REILEY, L. 2006. Escola Inclusiva – Linguagem e Mediação. Papirus Editora. Campinas. São Paulo.
- SHIMOURA, A. S. 2005. Projeto de formação de professores de inglês para crianças: o trabalho do formador. Tese de doutorado. PUC SP.
- STAINCKBACK, S. & STAINCKBACK, W. 1996. Inclusão - Um Guia para Educadores. Artmed Editora. Porto Alegre
- VYGOTSKY, L.S.1934/1999. Pensamento e Linguagem. Martins Fontes. São Paulo.
- VYGOTSKY, L.S.1934/1998. A formação social da mente. 6 ed. Martins Fontes. São Paulo.